



Notas sobre os atributos moderno e antimoderno do nazismo

Naildo de Oliveira Rodrigues¹

Mestrando (UEF).

 <https://orcid.org/0000-0001-9025-8731>

Recebido em: 23/01/2025

Aprovado em: 21/02/2025

RESUMO

Este artigo objetiva analisar, a partir dos escritos de alguns autores, o caráter moderno e antimoderno do nazismo. Para nossos fins, o nazismo não foi um evento histórico dissidente das linhas delineadas pelo progresso capitaneado pelo Esclarecimento – *Aufklärung*. O nazismo, em sua logística de racionalidade, surfou na crista da modernidade, absorvendo seus principais instrumentos técnicos-científicos. Já no campo ideológico, como tentaremos mostrar, os nacional-socialistas invocaram práticas antimodernas, no sentido de se apresentarem como uma alternativa aos problemas culturais e políticos das décadas 1930-1940, adquirindo um radicalismo em todas as áreas da vida humana. É desse duplo lugar que compomos nossa discussão, um lugar que parte do *Warum* — porquê — de Primo Levi.

¹* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGH-UEFS), é bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Email. naildorodrigues@outlook.com ou professorhistoriador2019@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

Nazismo; Modernidade; Antimodernidade.

Introdução

Pessoas comuns

Acena narrada por Primo Levi sobrevivente do Holocausto² em *É isto um homem?* quando chega ao complexo de Auschwitz após longa viagem privado de água e comida, é surpreendente, diz ele:

² Aqui já aproveitamos para justificar uso desse termo em detrimento de outros. “O conceito *Holocausto* aparece como uma particularidade do genocídio nazista, para que ele não tenha o mesmo significado dos outros genocídios da história da humanidade. A palavra vem do grego e faz referência a algo queimado sendo oferecido aos deuses como sacrifício, e surge em fins de 1950, se popularizando após 1970 como a forma de denominar o massacre dos judeus pela Alemanha nazista, uma referência aos crematórios dos campos de extermínio. Alguns autores, como Giorgio Agamben (2008), se recusam a usar o termo Holocausto para denominar o extermínio dos judeus, por não aceitar a equiparação bíblica com o que aconteceu em Auschwitz, preferindo a utilização da palavra hebraica *Shoah*, que quer dizer calamidade. Como aponta Dominick LaCapra (1994; 1998), mais importante do que a fixação por um termo ou outro, é a compreensão do caráter indizível do acontecimento dos campos de extermínio, e a limitação de qualquer termo para a explicação do que aconteceu em Auschwitz.” Maria Visconti Sales. *Narrar o inenarrável; representar o irrepresentável: Os limites de representações de Auschwitz aos olhos de Art Spiegelman e Primo Levi*. *Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 30, v. 11, n. 2 (Mai./Ago. 2019), p.647.



... Com toda aquela sede, vi do lado de fora da janela, ao alcance da mão, um bonito caramelo de gelo. Abro a janela, quebro o caramelo, mas logo adianta-se um grandalhão que está dando voltas lá fora e o arranca brutalmente da minha mão. — *Warum?*, — pergunto em meu pobre alemão. — *Hier ist Kein warum.* — (aqui não tem “porquê”), responde me empurrando para trás.³

Essa lacuna de sentido que nos assombra, ao mesmo tempo, parece ter se tornado uma obsessão de quem se envereda pelos estudos sobre a experiência nazistas. O porquê permanece em aberto, resta-nos apenas colher as migalhas, os cacos, como faz o sucateiro de Walter Benjamin.⁴ Na impossibilidade de um sentido, recorremos a fragmentos como tentativa de nos situar no próprio tempo, um tempo estilhaçado pelos traumas históricos, da “Era da Catástrofe”, para usar a expressão de Eric Hobsbawm.⁵

Parece haver nos escritos de Levi um aspecto sombrio acerca da Razão como instrumento de compreensão das ações humanas.⁶ Primo Levi, se interessa pelo porquê, por essa razão seu depoimento é focado nos registros do cotidiano do campo de concentração. Porém, outros antes e depois do autor de *É isto um homem?* buscaram respostas para os desafios impostos pela experiência Nacional-socialista, que como bem nos mostrou Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, publicado em 1963, não pode ser tomada enquanto uma experiência extra-humana, corriqueiramente classificada à época. Os homens e mulheres que gestaram,

³ Primo Levi. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 36.

⁴ Walter Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouaner. São Paulo: Brasiliense, 2012.

⁵ Eric Hobsbawm. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. Único, 1995.

⁶ Jeanne Marie Gagnebin. *Primo Levi: razão, narração, lacunas*. In: LESSA, Renato; BINES, Rosana Kohl (orgs). *Mundos de Primo Levi*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Numa, c2022.



desenvolveram e administraram a “Solução Final”, foram sujeitos comuns, “nem monstros, nem feras” nas palavras de Tzvetan Todorov.⁷

Trazer os nazistas para a categoria de “homens comuns” foi um salto epistêmico ousado, feito por Hannah Arendt⁸. Diante de Adolf Eichmann, homem na cabine de vidro, onde todos esperavam um monstro, a personificação do mal, emergiu um homem medíocre, um burocrata. Todorov avançou nessa discussão quando, buscando entender os carrascos e suas práticas, cunhou em *Diante do Extremo* o conceito de “fragmentação.”⁹ Todos esses autores, às suas maneiras, estavam preocupados em entender o sentido por trás das ações dos nazistas chamando atenção para as complexidades que permeiam as relações humanas.

George Orwell (1941), citado por Zygmunt Bauman, disse:

Enquanto escrevo, seres altamente civilizados estão sobrevoando, tentando matar-me. Não sentem qualquer inimizade por mim como indivíduo, eu por eles. Estão apenas “cumprindo seu dever”, como se diz. Na maioria, não tenho dúvida, são homens bondosos e cumpridores das leis, que na vida privada nunca sonhariam em cometer assassinato. Por outro lado, se um deles conseguir me fazer em pedaços com uma bomba bem lançada, não vai dormir mal por causa disso. Está servindo ao seu país, que tem o poder de absorvê-lo do mal.¹⁰

⁷Tzvetan Todorov. *Diante do Extremo*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. – São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 177.

⁸ Hannah Arendt. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. — São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁹TODOROV, 2017, p. 233.

¹⁰ Zygmunt Bauman. *Modernidade e Holocausto*; tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Citação presente na Epígrafe de Modernidade Holocausto, obra de Zygmunt Bauman).



As palavras de Orwell nos permitem questionar a natureza das ações daqueles homens e mulheres da Europa da primeira metade do século XX, que mergulharam em duas guerras de escala industrial entre 1914 e 1945. São “seres altamente civilizados”, sujeitos educados, que a pouco se jactavam dessa condição. Não sendo monstros nem feras, mas “homens comuns” que “na maioria, não tenho dúvida, são homens bondosos e cumpridores das leis, que na vida privada nunca sonhariam em cometer assassinato”. Esse caráter fragmentário, e nos termos de Hannah Arendt “banalidade do mal”, funda também uma aporia para aparente normalidade das ações desses sujeitos civilizados em promover e executar a morte, a destruição.¹¹

Por seu lado quem melhor refletiu em 1944, no calor do momento, sobre esse aspecto foi Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*, uma obra fundamental para se pensar o processo de crise do conhecimento crítico, concomitante o processo das forças de produção global, vendo o lado destrutivo do progresso como baliza analítica. Os autores estão interessados em mostrar as razões que faziam a humanidade “em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova barbárie”.¹²

Buscando responder à aporia acerca do caráter de autoaniquilação do próprio conhecimento, dizem: “Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino”. E continuam argumentando que:

¹¹Giorgio Agamben. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. – São Paulo: Boitempo, 2008.

¹²Theodor W Adorno; Max. Horkheimer *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Zahr, 1985, p.11.



A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua finalidade autodestrutiva com paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual.¹³

Adorno e Horkheimer estão interessados na relação do Esclarecimento – *Aufklärung* – com a verdade. Em que o estado de inércia do pensamento crítico é um esboço do medo do esclarecimento com relação à verdade. O temor do pensamento em encarar a verdade acerca do lado destrutivo do progresso, aponta os caminhos da crítica do esclarecimento ao campo mitológico¹⁴, cuja busca não se assenta nas mitologias nacionalistas, pagãs, mas “no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade.”¹⁵. Sendo assim, a crise do Esclarecimento é também uma crise da verdade, que consiste na recusa de olhar a outra face destrutiva do progresso. A recusa à verdade é o cerne da crise. É no medo de olhar as concepções e potencialidades destrutivas do progresso que reside, segundo os autores, a crise do Esclarecimento.

¹³ Idem, op. Cit., 1985, p. 13.

¹⁴ Por razões de espaço, aqui não iremos nos deter acerca do conceito de mito, caríssimo aos autores da “Dialética do Esclarecimento”. Tomamos a concepção de mito enquanto “uma ficção no sentido forte, no sentido ativo de fabricação, ou como Platão afirma, da ‘plástica’: ele é portanto um *faccionamento* [*fictionnement*] cujo papel é de propor, ou mesmo impor, os modelos ou os tipos (...) tipos a serem imitados, dos quais um indivíduo -ou uma cidade, ou um povo inteiro -pode ele mesmo se apropriar e com ele se identificar.” -, Philippe Lacoue-Labarthe; Jean-Luc Nancy. *O mito nazista: seguido de o espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. – [2.ed.]. – São Paulo: Iluminuras, 2020, p.33-34. Portanto, o mito é uma forma mimética de formulação de identidade. O nazismo a partir da sua *Weltanschauung* (Visão de mundo) se transformará na própria encarnação do mito em movimento.

¹⁵ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13.



Sobre os conceitos

A escolha dos conceitos é uma etapa definidora dos caminhos de qualquer análise. Um tema tão controverso quanto o nazismo, tais seleções conceituais são sempre muito delicadas. Enquadrar determinado acontecimento histórico a luz de uma ou outra teoria é muito perigoso. Ao passo que se abrem muitas possibilidades de analisar e pensar uma realidade, também paradoxalmente o olhar é restringido.

José D'Assunção Barros diz que “uma teoria frequentemente se afirmar em detrimento de outra precisamente porque responde algumas questões que outra não respondia”, e continua “porque as questões a que a nova teoria adotada dá resposta começam a ser consideradas mais importantes ou relevantes pelo sujeito que produz o conhecimento”.¹⁶

A opção por uma teoria está associada ao modo de ver determinado objeto de análise. Essa maneira de olhar, contudo, não implica na abstração relativista do mero ponto de vista. Está em jogo a tentativa de escolher uma teoria, por crer que essa representa aparelhos analíticos capazes de instrumentalizar melhores desdobramentos para a investigação proposta. Desse modo, os conceitos emergem não apenas como instrumentos teórico-metodológicos para se pensar uma realidade, mas enquanto signos comuns que subsidiam a existência de uma sociedade e sua unidade de ação política. Os conceitos estão inerentemente ligados ao constructo da realidade. Daí decorre uma exigência metodológica crucial, “a obrigação de compreender os conflitos sociais e

¹⁶ José D'Assunção Barros. *Teoria da história. Princípios e conceitos fundamentais*. – 4. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013, p. 77–78.



políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então”.¹⁷

Essa indicação de uma exegese conceitual obriga o historiador a se familiarizar com os códigos culturais e signos de uma época, munindo-se de um complexo cabedal erudito. É também preciso historicizar o próprio conceito, ter ciência acerca do momento em que os “conceitos passam a poder ser empregados de forma tão rigorosa como indicadores de transformações políticas e sociais de profundidade histórica (...)”.¹⁸

Michael Mann define fascismo/nazismo como “a busca de um Estatismo nacionalista transcendente e purificador através do paramilitarismo”.¹⁹ Os elementos que compõem a definição de Mann são explicados por ele durante o livro. O mais importante para nossos fins na obra do autor é a maneira como operacionaliza sua metodologia de levar a ideologia fascista/nazista a *sério em seus próprios termos*, uma vez que isso nos permite pensar a experiência nazista. Seus discursos e ideias, por mais abstratas e contraditórias que fossem, conseguiam arrebatar apoio advindo dos setores mais variados das populações.²⁰ Nos permite, ainda, vislumbrar que o fascismo/nazismo se colocou

¹⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução do original alemão de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 103.

¹⁸ Idem, op. Cit., 2006, p. 101.

¹⁹ Michael Mann. *Fascistas*. [S.1.]: edições 70, 2011, p. 41.

²⁰ Ao apresentar a complexa estrutura estatal sob as bases do capitalismo moderno, em seu clássico “Origens do Totalitarismo” Arendt analisa um grupo de indivíduos que, impossibilitados de usufruir dos privilégios da nova sociedade, tona-se um grupo supérfluo, *a ralé*. Por ralé pode-se ler como a pequena burguesia, que



enquanto via alternativa para os problemas palpáveis das populações de suas respectivas sociedades, mesmo que a coerência nunca tenha sido uma de suas qualidades.

O Modernismo e o Anti-modernismo nazista

Adolf Hitler deixou uma marca indelével na história. O historiador britânico Sir Ian Kershaw buscando entender a natureza do poder por ele exercido sobre a Alemanha, diz que: “O ataque desferido pelos nazistas às raízes da civilização significou um traço definidor do século XX. Hitler foi o epicentro desse ataque. Contudo, ele foi seu principal expoente, não sua causa primária”.²¹ Tal centralidade do trauma desferido pelos nazistas às bases da civilização moderna abre perspectivas para pensarmos que esse traço contém raízes mais profundas que ultrapassam o próprio movimento nacional-socialista.

Os conjuntos dos signos que constroem historicamente as sociedades são produtos das ações humanas, relegadas às gerações subsequentes. Karl Marx advertiu acerca do caráter criativo e condicionante que definem as práticas e atuações da humanidade. Os

com as alterações desde a unificação alemã em 1871 passa a perder espaço na sena social, política e econômica.

Essa *ralé* é o principal reflexo de uma sociedade classista que se desestrutura, culminando na produção de sujeitos que não conseguem se colocar em meio ao coletivo, que em um estado de vacância ideológica ignoram o próprio nacionalismo, parte atribuída como amalgama da nação. Resultado de uma ausência de representatividade forte, levando a necessidade de buscar ideologias que o representem. O autoritarismo mostra-se como um campo fértil, a *ralé* ver nesse novo componente ideológico a possibilidade de ser introduzida no todo social. Ver capítulo I “Emancipação política da burguesia” na segunda parte Imperialismo. Hannah Arendt. *Origens do Totalitarismo* — Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.,p. 189 a 232.

²¹ Ian Kershaw. *Hitler*, tradução Pedro Maia Soares — São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 33.



homens são os arquitetos, fazem a “sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.²²

A atmosfera de uma sociedade subsidia o campo racional e irracional das ações dos seus agentes.²³ Para Hannah Arendt, “Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.” E completa: “O mundo no qual transcorre a *vida ativa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas...”.²⁴ Esse campo de ação — condição existencial — são cruciais à noção de modernidade. Os homens e mulheres não apenas agem nesse campo, eles mesmos tornam-se sujeitos dessas ações. “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu...”.²⁵

Ampliando a noção de experiência moderna, Marshal Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, obra cujo título tem origem na expressão de Karl Marx e Friedrich Engels presente no Manifesto do Partido Comunista de 1848. O autor apresenta uma definição ampla sobre a modernidade, enquanto “qualquer ação feita por

²² Karl Marx. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução e notas Nélio Schneider; prólogo Herbert Marcuse. - São Paulo: Boitempo, 2011. (Coleção Marx-Engels), p. 25.

²³ Nesse ponto, é importante observar que essas ações se inserem na lógica de produção do poder. Esse poder não pode se estabelecer unicamente por via da força e do terror. De igual maneira, a natureza do poder incorre em usos e abusos de formas que não estão alicerçadas no governo da racionalidade. O campo da “teatralização” se apresenta nas veias do poder, mobilizando as emoções da cena política. Desse modo, o poder “só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial”. Georges Balandier. *O Poder em Cena*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982, p.7.

²⁴ Hannah Arendt. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 17.

²⁵ Clifford Geertz. *A interpretação das culturas*. - Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 4



mulheres e homens no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas sujeitos do próprio processo de modernização, de apreenderem o mundo moderno e se sentirem em casa ou pertencente a ele”.²⁶ Ser moderno consiste em “está presente em um ambiente que apresenta aventuras, poder, gozo, crescimento, autotransformação e a própria transformação do mundo ao redor”.²⁷ Os imperativos da ação, do desafio, do prazer, da mudança são inerentes ao sujeito moderno. Contudo, numa nota paradoxal, ser moderno é ocupar uma posição de limite onde o medo, as ameaças de aniquilação do *ser* e do *ter* são partes do mesmo estágio. “É ao mesmo tempo, um processo que traz ameaças de destruir o que se tem, o saber, e até mesmo destruir o que se é”.²⁸ H. Arendt. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.17

Em *Modernidade e Holocausto*, o sociólogo Zygmunt Bauman reflete sobre esse caráter destrutivo, ameaçador do progresso civilizacional. Para Bauman o principal monumento que marca a história do nazismo — e da civilização Ocidental —, o *Holocausto*, “nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura”.²⁹ Enquanto parte de uma cultura geral, o Nacional-socialismo, a sua forma emergiu como alternativa à sociedade alemã, diante dos problemas sofridos, assumindo “um conjunto de ideias suficientemente

²⁶ Marshall Berman. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11.

²⁷ Idem, op. Cit., 2007, p. 24.

²⁸ Idem, op. Cit., 2007, p. 24.

²⁹ BAUMAN, 1998, p. 12.



convincentes e para muitos contemporâneos suficientemente pertinentes para levá-los a consentir, aderir e agir.³⁰

A sociedade moderna que Zygmunt Bauman se propõe a analisar, possui traços comuns: o serviço público; a máquina militar que se alia a eficiência tecnológica da indústria, o Estado, o partido e a burocracia são bem destacados. Por isso, é preciso reconhecer que o Holocausto foi nutrido pelos dois principais símbolos da modernidade: “o progresso científico, que possibilitou a técnica da morte em escala industrial e a sociedade de massas, que transformou multidões de homens, mulheres e crianças em seres descartáveis”.³¹ Aqui acrescento o imperialismo,³² uma vez que pensar a modernidade europeia sem os aspectos presentes do imperialismo é arriscar perder de vista os impactos do colonialismo nas ações nazistas.

Bauman ainda nos traz algo importante que convém reproduzir:

³⁰ Johann Chapoutot. *A revolução Cultural Nazista*. Tradução: Clóvis Marques. – Rio de Janeiro: Da Vinci Livros, 2022, 17.

³¹ Marcos Guterman. *Holocausto e memória*. – São Paulo: Contexto, 2020, p. 29.

³² A temática do imperialismo é debatida no clássico *Origens do Totalitarismo*, da filósofa Hannah Arendt, que investiga o funcionamento dos regimes que ela classifica como totalitários e os fenômenos históricos que o possibilitaram existir. A autora investiga as raízes do antissemitismo moderno, articulando-o à formação dos Estados modernos, imperialistas que paulatinamente vão construindo uma alta burocratização, dando novos contornos à questão da raça. Hannah Arendt. *Origens do Totalitarismo* — Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Caminho similar faz Shelley Baranowski em *Império Nazista: o imperialismo e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler*, dando mais ênfase que a antiga discípula de Heidegger no colonialismo alemão que ao invés de buscar seu império além-mar como fizeram seus pares europeus, decidem ruma ao Leste europeu em busca do *Lebensraum*. A autora mostra detalhadamente as técnicas colonialistas da Alemanha aplicadas no Leste como parte maior de um projeto imperial praticado nas colônias africanas. BARANOWSKI, S. *Império Nazista: o imperialismo e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler*. São Paulo: Edipro, 2014.



Em nenhum momento de sua longa e tortuosa execução, o Holocausto entrou em conflito com os princípios da racionalidade. A ‘Solução Final’ não se chocou em nenhum estágio com a busca racional da eficiência, da otimização na consecução do objetivo. Ao contrário, *resultou de uma preocupação autenticamente racional e foi gerada pela burocracia fiel à sua forma e propósito.*³³

A racionalidade responsável pela execução do Holocausto em nenhum momento chocou-se com a racionalidade moderna. A eficiência, a otimização, a burocracia estiverem presentes incontestavelmente no processo de produção da “Solução Final”. Um aspecto técnico-burocrático singular na história do nazismo foi a presença das máquinas de cartões perfurados — Hellerith — da empresa estadunidense IBM.³⁴ Essas máquinas forneceram a tecnologia necessária para a resolução do desafio de identificar e classificar os judeus. Foi “Graças a operação as operações censitárias da IBM da Alemanha e de outras tecnologias avançadas de contagem e cadastramento de pessoas”,³⁵ que os nazistas conseguiram as listas com as informações dos judeus, informações cruciais para todo o empreendimento do início ao fim do genocídio.

Ao considerar a crítica de Bauman, estamos reconhecendo os perigos que gestou o nazismo estão em menor ou maior grau presentes em nossa sociedade, cuja burocracia traz o planejamento/administração social como imperativos categóricos. O processo de

³³ BAUMAN, 1998, p. 37.

³⁴ É preciso dizer que essa operação de classificar por meio dos cartões perfurados esteve presente em todos os campos de concentração, expandindo-se a toda a Europa ocupada. O império nazista organizou sua burocracia tendo as Hellerith, como instrumento tecnológico. Inclusive, as máquinas foram usadas para calcular a quantidade de ração que deveria ser fornecida a cada prisioneiro-escravo nos campos de concentração. Sobre esse assunto, ver a obra *IBM e o Holocausto*, de Edwin Black.

³⁵ Edwin Black. *IBM e o Holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha Nazista e a mais poderosa empresa americana*. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editor Campus, 2001, p. 4.



destruição³⁶ dos judeus da Europa, segundo Raul Hilberg em *A destruição dos judeus europeus*, foi dominada pela burocracia, de modo que foi um processo de obliteração burocrático que, “em seu passo a passo, finalmente levou à aniquilação de cinco milhões de vítimas”.³⁷ Saliento, pois, que não se trata de atribuir a ocorrência do Holocausto como *determinada* pela burocracia, tampouco pela cultura moderna embasada na racionalidade, ou que a burocracia tem como resultado axiomático o Holocausto.

Antes de um apressado deslocamento do fenômeno para o campo da irracionalidade é preciso ver que, “existe *uma lógica do fascismo*. O que quer dizer que *uma certa lógica é fascista*, e que essa lógica não é simplesmente estranha à *lógica* geral da racionalidade na metafísica do sujeito”.³⁸ O preço dessa atribuição à lógica da racionalidade é o desenvolvimento de uma percepção que rompe com a visão idílica do progresso enquanto uma categoria alijada do caráter destrutivo; somos forçados ainda a verificar as estruturas de pensamento dos nazistas e como isso se articula com o simbolismo que Alemanha representava para a cultura moderna.

³⁶ Esse é um conceito central para se pensar o “como” foi possível o assassinato sistemático de milhões de judeus de 1933 a 1945. Esse processo de destruição apesar de ter se desdobrado a partir de um padrão definido, não pode ser entendido como sendo iniciado por meio de um plano preliminarmente organizado. Foi do início ao fim um processo assimétrico repleto de problemas e desafios, mas cada desafio ou dificuldade foi superado por iniciativas burocráticas, por um corpo gigantesco de burocratas. Desse modo o processo de destruição constituiu-se em um passo a passo que teve início na definição, expropriação, concentração, operações móveis de extermínio e deportação para os centros de assassinatos. “O processo de destruição englobou duas políticas: imigração – 1933 -1940 e aniquilação – 1941-1945.” E o “motor da destruição era um aparato disperso, diverso e acima de tudo, descentralizado”. Raul Hilberg. *Destruição dos judeus europeus*. Vários tradutores. – Barueri, SP: Amrily. 2016. HIBERG, 2016, p. 53 e 55.

³⁷ Idem, op. Cit., 2016, p. 49.

³⁸ LACQUE-LABARTHE; NANCY, 2020, p. 25.



Modris Eksteins, em *A Sagração da Primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*, debate que a Alemanha foi a principal potência que encarnou e representou a cultura moderna em todos os seus níveis. Expoente da vanguarda das artes, foi varrida por um zelo reformista no fim do século XIX, em meados de 1914, representando tanto para si, quanto para o mundo a ideia do espírito de guerra. O trauma depois de 1918, acentuou o radicalismo. Desse modo, como aponta Eksteins o período da República de Weimar, de 1918 a 1933, e o Terceiro Reich, de 1933 a 1945, foram estágios de um processo.

A vanguarda tem para nós um eco positivo, as tropas de assalto, uma conotação assustadora. (...). Talvez haja entre esses dois termos uma relação fraterna que vai além de suas origens militares. Introspecção, primitivismo, abstração e construção de mitos nas artes, bem como introspecção, primitivismo, abstração e construção de mitos na política, talvez sejam manifestações afins. O *kitsch* nazista pode ter uma relação de sangue com a religião intelectualizada da arte, proclamada por muitos modernos.³⁹

A Alemanha encarnou e representou a energia moderna. Assumiu a vanguarda no campo militar e no também aspecto cultural. As guerras modernas mobilizam recursos estatais de todos os setores de atuação humana. Na Alemanha a cultura fundiu-se com a tradição militar, a Grande Guerra foi vista enquanto uma possibilidade de libertação da hipocrisia burguesa, cuja principal representante era a Grã-Bretanha.⁴⁰

Esse sentimento de libertação que impulsionou a Alemanha ao campo de batalha, malgrado suas peculiaridades dos anos subsequentes a 1918, foi tomado pelos nazistas

³⁹ Modris Eksteins. *A Sagração da Primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. – Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.14-15.

⁴⁰ EKSTEINS, 1991.



enquanto uma missão histórica. Essa libertação deveria se fazer em todas as esferas da vida, e o campo cultural era um baluarte da ação. Os nacionais-socialistas passaram a proclamar uma revolução de natureza cultural. A palavra revolução na Alemanha foi muito tempo “um monopólio dos socialistas e comunistas, passou a integrar o vocabulário político do nazismo para qualificar as transformações — sem dúvida radicais, em numerosos aspectos — realizadas pelo regime”.⁴¹

Esse radicalismo foi crucial para os nazistas colocarem em prática seus impulsos criminosos, se apresentando como uma *Revolução Cultural*.⁴² Esse é um ponto crucial, que nos auxilia a perceber as reivindicações dos nazistas. O tipo de revolução que o nacional-socialismo ambicionava — e é muito importante *levar a sério essas crenças*⁴³ — não se assimilava com a Revolução Francesa, muito menos com a Revolução Outubro. É verdade que ambas tiveram papel importante na própria forma de interpretação⁴⁴ desse tipo “novo de revolução” proposta pelos nazistas, uma vez que tanto 1789 quanto 1917 representavam para os nazistas uma ameaça de degeneração existencial.

Segundo Johann Chapoutot, os nazistas entendiam a revolução no sentido pré-moderno do termo, ou seja, enquanto uma “necessidade de voltar às origens, ao que era o homem germânico — seu modo de vida e sua atitude instintiva em relação aos seres e às

⁴¹ Denise Rollemberg. *Revoluções de direita na Europa do entre-guerras: o fascismo e o nazismo*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, no 61, p. 355-378, maio-agosto 2017, p.362.

⁴² CHAPOUTOT, 2022.

⁴³ MANN, 2011.

⁴⁴ Se as três ideologias — bolchevismo, fascismo e nazismo — repudiaram o liberalismo, legado da Revolução Francesa, incorporaram, por sua vez, o ideal de criar a nova sociedade e o novo homem, inerente ao conceito de revolução desde 1789. No século XX, a Rússia bolchevique e logo a URSS estalinista, assim como os regimes diametralmente opostos da Itália fascista e da Alemanha nazista, tentaram, cada um a seu modo, realizar essa utopia. ROLLEMBERG, 2017, p. 360



coisas —, para salvar esse homem”.⁴⁵ Esse retorno às origens, “permite refundar a norma jurídica que rege a ordem interna, mas também a ordem internacional e, por fim, a procriação que garante o futuro da raça” e ainda, “além da norma jurídica, é toda a moral que vem a ser refundada, por meio de categorias que autorizam a agir e exterminar”.⁴⁶ É a totalização global da mimese ariana que se coloca como condição *sine qua non* — a arianização do mundo.⁴⁷

Nota-se que essa volta às origens se submete à vontade de salvação do homem germânico — leia-se raça — sob ameaça de extinção. É a própria cultura que passa por uma biologização. A raça era o eixo teórico do nazismo,⁴⁸ e desse modo assim como opera uma biologização do político, a esfera cultural passa pelo mesmo processo, uma obra cultural seja ela uma pintura, uma catedral medieval, um tratado filosófico grego, uma obra literária não se caracteriza enquanto artefato de inspiração do indivíduo ou da razão universalista. Ocorre que nenhuma obra pertencente ao espírito está fora do determinismo *Blut und Boden* (sangue e solo)⁴⁹, que “são as condições necessárias da criação humana.

⁴⁵ CHAPOUTOT, 2022, p.15.

⁴⁶ Idem, op. Cit., 2022, p.15.

⁴⁷ Observa-se que esse “mundo ariano deverá ser muito mais que um mundo submetido e explorado pelos arianos: ele deverá ser um mundo tonado ariano (e é por isso que é necessário eliminar-se o não-tipo por excelência, o Judeu, do mesmo modo que alguns outros tipos degenerados). A Weltanschauung deve encarnar-se de modo absoluto, eis por que ela exige ‘uma alteração completa da vida pública inteira segundo os seus pontos de vista, as suas Anschauungen. (.MK, p. 506)”. LABARTHE; NUCY, 2020, p. 61).

⁴⁸ Richard J. Evans. *O Terceiro Reich no Poder*. 3ª ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

⁴⁹ Aqui recorreremos mais uma vez as explicações de LABARTHE e NUCY (2020) para pensarmos o lugar do determinismo *Blut und Boden* na visão de mundo nazista. Recorrendo a um discurso de Hitler no Reichstag em 1937, quando prolata “O eixo central do programa nacional-socialista consiste em abolir o conceito liberal de indivíduo assim como o conceito marxista de humanidade substituí-los pela comunidade do Volk, enraizado no seu solo e unido pelas cadeias de um mesmo sangue”. Levando a sério essas palavras de Hitler, os atores percebem que o “combate deve ser um combate pela realização efetiva desse conceito,



O biologismo determinista do racismo nazista promove assim uma redução da ideologia à biologia, e de maneira genérica, do cultural ao natural”.⁵⁰

Identificar essa racialização da cultura, *stricto sensu* nos orienta a pensar as ações como derivações *ex post* dessa natureza de pensamento. Os próprios campos de concentração e extermínio com seu funcionamento industrial, ou seja, literalmente uma fábrica de assassinatos, passa a serem visto como um processo circunscrito à *Weltanschauung* (Visão de mundo) nazista.

A “visão de mundo nazista” é uma visão da História, do homem e da comunidade, uma concepção do espaço e do futuro, uma ideia extremamente precisa do que vem a ser natureza em si e fora de si, uma proposta bem definida para o destino de todos: a liberdade deixa de ser um problema para aquele que sabe que a natureza tudo decidiu quanto à essência, à posição e à vocação de cada um.⁵¹

Desse modo, a *Weltanschauung* nazista torna-se um instrumento crucial para se interpretar o modo como viam o mundo nas suas mais amplas dimensões. Não se combate um inimigo político, mas uma ameaça a própria existência da raça germânica, desprezar ou não *levar a sério* esse modo de pensar nazista, é arriscar limitarmo-nos a ver aquele movimento apenas enquanto um nacionalismo-paramilitar com conotações reacionárias presente em muitos países da Europa na década 1930.

Ao reconhecer a questão revolucionária dos nazistas, precisamos identificar o *modus operandi* de suas ações — O “*warum*”, o “porquê” de Primo Levi — ou minimamente como operacionalizavam suas práticas teóricas em ação, afinal, como disse

que não é outro senão o conceito de mito.” (LABARTHE; NUCY, 2020, p. 60-61). Em outras palavras, é uma chamada em torno da luta pela *Weltanschauung*.

⁵⁰ CHAPOUTOT, 2022, p. 23.

⁵¹ Idem, op. Cit., 2022, p. 17.



Benito Mussolini, o fascismo é ação. Mais uma vez recorremos a Johann Chapoutot que nos oferece dois conceitos essenciais para pensarmos as ações nazistas, a saber, *narrativa e norma*.

Por narrativa entende-se a visão nazista da história, costurada com angústia biológica e tecida com alarmes apocalípticos. Segundo essa Visão de mundo, a raça germânica vem a ser, desde suas origens, alienada e desnaturada por influências culturais e biológicas estranhas, que a destroem gradualmente para em breve fazê-la desaparecer.⁵²

Essa interpretação da história identifica a raça germânica em constante ameaça, despojada desde suas raízes por perigos que representam a obliteração racial. Não obstante, vai, além disso, não se trata apenas de identificar a ameaça na história; elabora-se um tipo de profilaxia a luz da interpretação que durante a história — e o presente não poderia ser diferente —, o sangue germânico enfrenta o maior dos perigos, é chegado o Armagedom racial, e os nazistas são desse modo, os responsáveis por manter a existência da *gemeinschaft des volkes* (comunidade do povo).

Submetendo tal leitura da história ao presente, os nazistas aplicavam a *norma*, que consiste no conjunto de imperativos deduzidos dessa história: agora é preciso agir contra o terrível destino da raça germânica. “Os nacional-socialistas têm consciência de que aquilo que preconizam choca e contraria consciências há séculos educadas segundo os preceitos cristãos, kantianos, humanistas e liberais”.⁵³ A *norma* representava a própria ação nacional-socialista, que ao classificarem a história como uma luta racial, aplicam a lei normativa, enquanto axioma da salvação contra a degeneração vivida. Esse complexo conjunto ideológico constituía a sua *Visão de mundo* nacional-socialista.

⁵² Idem, op. Cit., 2022, 13-14.

⁵³ Idem, op. Cit., 2022, p. 14.



Os nazistas introduziram um tipo de revolução cultural, que, como vimos, consiste na biologização da história, e na ação, vendo o presente, e a si como guerreiros, higienistas na guerra racial. O movimento, buscou uma reinvenção do passado, com base nessa leitura racial. Por extensão, transferiram tal angústia racial para o presente, proclamando uma cruzada racial. Rejeitou os valores introduzidos pelos Iluministas, por meio da Revolução Francesa; do mesmo modo e de forma ainda mais virulenta, vieram na Revolução Russa o apogeu do declínio racial.

Contudo, o nacional-socialismo, mesmo rejeitando os valores culturais da modernidade, se alimentou dos aspectos técnicos fornecidos pelo progresso. A loucura racial capitaneou os passos que levaram a noção de civilização europeia ao colapso. A raça não foi levada adiante enquanto um instrumento místico, mas numa percepção científica. Os campos de morte introduziram uma logística industrial, burocrática, como meios de organizar e otimizar os assassinatos. No campo da política, os nazistas alimentaram sua maquinaria com a propaganda, cujos modelos operacionais surfaram nas mais elevadas técnicas da época. O nacional-socialismo deve ser enquadrado nesse complexo campo, mesmo que nos custe caro pensar que o progresso pode ser um instrumento de destruição. É verdade, contudo, que “o nazismo não resume o Ocidente e ele não é nem mesmo o seu fim necessário”. Todavia, não é possível “descartá-lo como aberração, ou mesmo uma aberração simplesmente passada”.⁵⁴

A lógica que gestou o nazismo, ou mesmo a lógica propriamente fascista, como falamos, não encontrou o fim na derrota beligerante em 1945. É preciso considerar que a segurança “confortável quanto as certezas da moral e da democracia não apenas não

⁵⁴ LABARTHE; NUCY, 2020, p. 63.



garante nada, como também expõe o risco de não se perceber vir, ou voltar, aquilo cuja possibilidade não dependeu de um simples acidente histórico”.⁵⁵

O fascismo é um fardo dos nossos tempos, que coloca em xeque a confortável “estabilidade” democrática, bem como os valores morais em que assentamos nossas convicções. Há um cenário generalizante de crise econômica, política, militar e cultural reverbera numa aguda crise com relação ao futuro. Um futuro incerto quanto à possibilidade de dias melhores. O triunfo parcial do individualismo como arquétipo social, apregoadado na autorrealização fora da comunidade, afetou drasticamente a noção clássica de coletividade. Se há uma crise quanto ao futuro, é porque também falta um “não-lugar”, aquele que existe no campo irrealizável, mas que muito nos serve como mecanismo de ação. Falta-nos uma utopia – no sentido positivo – muito necessária frente ao embrutecimento dos nossos tempos.

Quanto a nós, é imposta a missão da vigilância, da denúncia, do combate enquanto condições *sine qua non* diante de todas as formas de destruição, exclusão e violências contra os povos. Assistimos estupefatos à catástrofe Palestina, cuja fúria e violência tragam milhares de vidas. Tal situação em metáfora esboça o termômetro moral do Ocidente. Conflitos e tensões similares passam a ecoar pelo mundo, indicando um futuro incerto. Vivemos tempos obscuros e há passados que insistem em se manifestar no presente. Quais serão nossas respostas? Independentemente de quais sejam, sabemos que elas virão.

⁵⁵ Idem, op. Cit., 2020, p. 63.